

Colóquio da Convergência, de 16 e 17 de maio de 2025
MAL-ESTAR, CASTRAÇÃO, ALTERIDADE

Cruzar os Andes: um desafio cotidiano

María Clara Areta

Escuela Freudiana de Mar del Plata

"O mal-estar na cultura", a obra monumental de Freud, tal como Lacan a definiu, nos convoca novamente aqui hoje.

Quase um século depois, nos deparamos com novos "Problemas cruciais para a Psicanálise" que, embora tenham sido estabelecidos estruturalmente por Freud e Lacan, exigem de nós, praticantes da psicanálise, um trabalho que articule o mal-estar de hoje com nossa prática cotidiana.

A pandemia da Covid-19 parece ter alertado sobre a finitude da vida e, como resposta à ameaça certa da morte, as direitas fascistas do mundo convencem e matam com sua receita de liberdade entendida como individualismo, e propõem o consumo bulímico de objetos do mercado para garantir, de forma canalha, a imortalidade e a totalidade do agora.

Imortalidade e totalidade são dois nomes da recusa da castração. A castração implica morte e sexo. A psicanálise nos ensinou que a vida é não-toda.

O texto de Freud "O perecível" anuncia e estabelece isso: aceitar a finitude e a perda é condição de possibilidade para a vida psíquica, a cultura e o desejo. A vida é curta, às vezes estreita e injusta, mas é "a melhor que conheço", como escreveu Alejandro Casona.

Para a psicanálise, o laço social é sustentado pela castração. O título destas jornadas o articula dessa maneira: **se não for a partir da castração que se opera com o mal-estar, não há possibilidade de laço social.**

Uma amostra incontornável da tentativa de dissolução do laço social pela recusa da castração é a proliferação irresponsável do diagnóstico de autismo, verdadeiro retorno do recalcado do laço social. Na sociedade do espetáculo em que vivemos, promove-se o autismo a partir de uma visão psiquiatrizante da vida e com seus derivados estimulantes que são publicitados e vendidos com sucesso no mercado do "auto": autopercepção, autoajuda e autoestima são três exemplos paradigmáticos.

"Para a bolsa da dama e o bolso do cavalheiro" (como anunciavam os vendedores ambulantes de ônibus e trens em Buenos Aires), temos hoje as técnicas baseadas na sugestão, verdadeiras religiões psicológicas da nossa época, que são fortes lenitivos narcotizantes e uma potente distração diante do mal-estar.

Muitos professam constelações familiares estelares, dignas de um roteiro da Netflix, pois é mais divertido, claro, pensar que o pai foi um faraó poderoso do que encontrar-se com a impotência do pai (Édipo) ou com o gozo do pai (Totem e Tabu), como nos ensina Lacan no Seminário 18 (De um discurso que não fosse do semblante).

Outros badulaques fazem biodescodificação, causando verdadeiros estragos aos seus pacientes com imposições traumáticas que lhes atribuem como causa de seus males e de seus bens.

Há também os que fazem biodança, exaltando até a mania os aspectos positivos e otimistas da vida.

Não esqueçamos nossos clássicos técnicos mentais: os psiquiatras medicalizadores, funcionais ao complexo médico-industrial farmacêutico, e os cognitivo-comportamentais, que sempre sabem o que mandar fazer.

A função dos docentes também está desvalorizada. As professoras do ensino fundamental e os professores do ensino médio têm em sala de aula quase tantos acompanhantes terapêuticos quanto alunos, o que muitas vezes impede justamente o que se pretende favorecer: o processo de aprendizagem e socialização nas infâncias, processo tradicionalmente orientado pelos próprios docentes.

Os antigos fumantes de ópio da época de Freud transformaram-se hoje em segregados da sociedade neoliberal. São jovens pobres, de classes vulneráveis e vulnerabilizadas, que não têm outra opção senão permanecer nas periferias de Buenos Aires e, nos fins de semana, compram uma garrafa de Fernet barato e uma dose de tusi por cerca de 2 mil pesos (cerca de um dólar e meio). Meninas e meninos descartados, que não têm outro futuro senão reproduzir o esquema a que foram submetidos eles e seus pais: pobreza, marginalidade, delito e prisão que conduz à ruína. Esses jovens sobram na Arca de Noé dos planos de um governo nacional autodenominado “anarcocapitalista”, que governa para as classes dominantes da Argentina e é eleito por 56% da população. Esses jovens se entusiasma e escolhem como presidente um depravado com uma motosserra que só vem para decapitá-los a eles mesmos. O pobre de direita não é uma invenção argentina, mas é também mais uma mostra da pouca compreensão sobre a ação do senhor (não digo discurso do senhor, digo senhor) sobre as vidas desgraçadas. A equipe de Saúde Mental do atual governador da Província de Buenos Aires (Mar del Plata é uma cidade litorânea do sudeste da Província) Axel Kicillof tenta, com a abertura de centros de saúde mental comunitários, mitigar e reparar o tecido social gravemente perturbado.

Pode-se perguntar o que tudo isso tem a ver com a participação em um Colóquio de Psicanálise Lacaniana em Paris. A meu ver, muito, porque o laço social não é um enamoramento entre almas belas, mas o real colocado em discurso.

Como Freud escreveu: "O homem precisa tanto de pão quanto de amor."

Vamos então ao amor de transferência.

Uma analisanda demanda: “Quero fazer mais coisas. Sinto-me fraca e vulnerável. Quero poder mais e quero mais poder.”

Ela insiste em realizar sua segunda travessia dos Andes. A "travessia dos Andes" é uma experiência de sobrevivência na qual os participantes percorrem, caminhando, correndo e escalando, mais de 100 km em três dias.

Lembro, sobretudo para quem não é argentino, que José de San Martín, pai da pátria, atravessou os Andes em uma façanha histórica com a qual libertou Argentina, Chile e Peru. Portanto, na Argentina, a "Travessia dos Andes" equivale a cruzar o Rubicão para Júlio César.

San Martín e Júlio César atravessaram os Andes e o Rubicão, respectivamente, mas (pelo que se sabe) apenas uma vez na vida. Já a analisanda queria fazer isso — e o fez — duas vezes.

No seu treinamento para conquistar o santo graal dessa cruzada do século XXI, treinou com tanto afinco e esforço que fraturou-se, com diferentes tipos de fraturas (intramedulares, por avulsão e outras), mas apesar das lesões, conseguiu completar ambas as travessias. Chegou "até o osso", como escreveu Freud.

Elizabeth não podia dar o passo em falso, e a analisanda de hoje dá tantos passos até a exaustão.

Por meio de diferentes dispositivos cibernéticos incorporados quase à carne, contam-se os passos, as corridas, o ritmo cardíaco, o gasto energético, e tenta-se dar todos os passos possíveis até alcançar a exaustão triunfante ao chegar à placa de "chegada", que, imediatamente, torna-se outra placa de "partida", pois a próxima corrida está logo ali, porque não se termina uma corrida sem já estar inscrita em outra.

A Freud sempre interessaram os problemas na marcha, na locomoção, especialmente as paralisias históricas. As históricas de hoje, talvez se possa dizer, são mais corredoras que paralisadas. Mas que longo caminho percorreste, moça, e que transformações ocorreram para que estejas tão ativa hoje, tão militante do movimento?

Houve gozadores ontem e há gozadores hoje.

¿Como operar desde a castração quando o analisando é justamente quem menos quer saber, reconhecer, algo relacionado à falta?

Esse é o desafio de cada caso em cada cura psicanalítica. Apostar que o objeto a possa abrir espaço entre significante e significante, entre corrida e corrida, para que o sujeito barrado, sujeito do desejo, possa emergir dessa operação.

Cada tratamento é uma partida sem garantias de chegada, pois cada sintoma é singular por definição. Esse é o nosso trabalho: **operar com o mal-estar desde a castração para que o laço social possa ser reescrito.**

Muito obrigada pela atenção.